



REDES SOCIAIS COMO TECNOLOGIAS CULTURAIS – POR UMA REDIMENSÃO DA ESCOLA E DO PROFESSOR

Jessica Kelly Sousa Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba – jessicaferreiraprofe@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo estabelecer uma reflexão quanto ao impacto que a disseminação das tecnologias da informação e comunicação tem trazido não somente para a sociedade e contexto atuais, mas também para a dinâmica das escolas e dos processos de ensino e aprendizagem. Sendo assim, a hipótese proposta aqui é que o uso dessas novas tecnologias e ferramentas, quando bem utilizadas pode subsidiar o trabalho do professor de forma dinâmica e inovadora, fazendo com que os alunos sintam-se mais motivados no processo de ensino aprendizagem. Assim, a medida que os alunos façam uso dessas tecnologias na sala de aula, supomos que as redes sociais possam funcionar como um caminho para um aprendizado mais real, dinâmico e inovador, pois tais instrumentos permitem que o aluno seja capaz de relacionar sua vivência cotidiana e real com os possíveis aprendizados e construções de conhecimento que acontecem no ambiente da escola. Uma escola e um processo de ensino aprendizagem que prepare o aluno/cidadão para a vida tem a necessidade de englobar em sua atividade o uso das tecnologias da informação e comunicação proporcionando uma construção de conhecimento mais dinâmica, autônoma e real. O manuseio de informações e construção processual do conhecimento deve ir além do uso do computador e da sala de informática, mas explorar outros tipos de tecnologias e recursos que os alunos já utilizam com frequência.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação, ensino e aprendizagem, redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

A modernização que se dissemina na sociedade, e o uso massivo das tecnologias da informação e comunicação têm impactado a vida das pessoas através do uso destes recursos e dado maior mobilidade e flexibilidade as relações humanas e suas extensões.

Embora essa realidade já esteja presente em nossa sociedade, mesmo que por vezes



inconscientemente, é notório que a escola ainda não acompanhou de forma satisfatória o ritmo de modernização, dinamismo e inovação que já permeia a vida dos alunos cotidianamente.

É oportuno observarmos que algumas vezes a própria formação do professor não o prepara para a utilização didático-pedagógica destes recursos, alguns sequer dominam as funcionalidades básicas das ferramentas. Além disso, algumas escolas também não oferecem o aparato tecnológico necessário para a efetivação de propostas inovadoras.

Porém, como propõe Menezes (2009), a escola e o professor não podem estar alheios às inovações geradas pelo uso das redes sociais, visto que a inserção e o uso destas já fazem parte do cotidiano dos alunos e, também, são realidades já encontradas dentro do espaço físico da escola, mesmo sem a devida abordagem didático-pedagógica, já que os alunos fazem uso das redes sociais através de seus dispositivos móveis no ambiente escolar, e, algumas vezes, até da sala de aula.

Em contrapartida, percebemos a necessidade de que sejam tomadas iniciativas para melhoria do processo de ensino aprendizagem, como também para garantia não somente do acesso dos alunos à escola, mas também a permanência.

Neste viés, é fundamental que os professores procurem trabalhar dentro de suas possibilidades, organizando os recursos que sejam disponíveis e adequando suas propostas à realidade e aos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o próprio professor, as estratégias a serem desenvolvidas e os objetivos a serem atingidos podem ser também considerados o que Simon (2012) trata como tecnologias culturais, visto que o professor estrutura e governa novas formas de trabalho e ações locais, que, de certa forma rompem com o já estabelecido convencionalmente, e proporcionem novos caminhos promissores aos processos de ensino aprendizagem, sendo assim colaboradoras para alunos e professores.

Nesse contexto, o conceito de tecnologias atrelado ao conceito de pós-modernismo, não se restringe ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito



educativo, mas também em como o uso desses recursos, desprendendo esforços de escolas e professores, pode agir como um elemento questionador, reflexivo e transformador em relação aos valores, impostos ou não, as identidades moldadas na escola, aos conteúdos aos quais tem acesso, tal como as estruturas de poder social e político, já representada e, por vezes, impostas, na vivência dos alunos.

Para isto, o processo educativo deve ser compreendido como algo que vá além dos muros da escola. A forma que se vê e que se faz as escolas precisam ser revistas, refletidas e redesenhadas, levando em consideração as demandas da sociedade pós-moderna e trabalhando um novo tipo de sujeito/aluno, mais crítico, reflexivo e cidadão.

2 UMA NOVA ESCOLA?

Libâneo (2011, p.59) aponta a necessidade de uma “proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenham origem num projeto de gestão de sociedade”.

Dessa forma, o espaço físico da escola não pode mais ser visto como o único lugar onde se aprende e se ensina, e onde os sujeitos tem contato com informações e constroem conhecimentos. Tal como, o conhecimento trabalhado e as abordagens dos contextos políticos, sociais, econômicos, etc., vistos na escola não devem ser impostos como verdades absolutas.

De acordo com Fava (2014, p. 190):

É verdadeiro que a escola é uma instituição que há 5 mil anos se funda no falar/ditar do docente, nos escritos alfarrábios do discente e, há quatro séculos, em uso moderado de material didático impresso. É certo também que, apesar de os teóricos venderem a educação centrada na aprendizagem, mesmo com o advento da tecnologia, o foco permaneceu centrado no ensino.

Desse modo, a escola precisa entender que há a emergência de um processo educativo que tenha como foco principal a aprendizagem, o sujeito aluno, e não mais apenas o ensino,

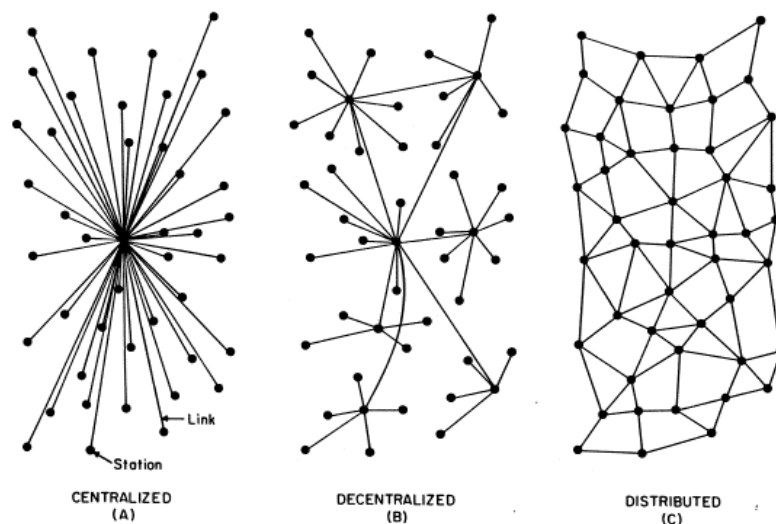
tendo como papéis principais os professores e a escola. Agora, o sujeito/aluno passa a ser o foco do processo de ensino aprendizagem, tendo um papel mais ativo. Assim, a escola deve lançar mão de meios que proporcionem a efetivação dessa nova perspectiva.

Esses novos meios correspondem ao que Green e Bigum (2012, p. 209) argumentam dizendo que “o currículo tende a se desvincular da escola, o que impõe uma reconceptualização que seja feita de acordo com as condições modernas e para as condições pós-modernas”.

No cerne deste âmbito, verificamos também que, como ponto de partida, as salas de aula, ainda tidas como tradicionais precisam ser redimensionadas, trabalhando em conjunto com as transformações a serem efetivadas na escola e no currículo.

Para ilustrar a estrutura das salas de aula, podemos verificar os diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran (FAVA, 2014, p.89):

Figura I – Diagramas de rede de comutação de pacotes de Paul Baran





A partir da figura acima, Fava (op. cit) compara as salas de aula tradicionais com o diagrama centralizado (A), onde o professor ainda é tido como centro de tudo e de todos, o único detentor do saber, enquanto os estudantes são passivos em relação aos ensinamentos do docente. No diagrama descentralizado (B) ocorrem comunicações informais, diferenciadas, com aprendizagens que ocorrem de maneiras diferentes, mas só no diagrama distribuído (C) são apresentadas as relações do processo de ensino aprendizagem que se almeja, onde a aprendizagem não ocorre apenas no ambiente físico da escola, mas em redes, em todo lugar e em qualquer tempo e espaço.

Diante do exposto, consideramos que o diagrama distribuído pressupõe uma aprendizagem que correlacione o virtual e o presencial, numa perspectiva de redes, sendo estas, portanto, sociais.

A efetivação de um novo modelo de escola, tal como descrito neste tópico, necessita do empenho e esforço daqueles que fazem e refazem continuamente o processo educativo. Nesta perspectiva, uma redimensão da escola exige também uma redimensão do papel do professor.

3 UM NOVO DOCENTE

É necessário ainda que se redesenhem as atitudes docentes juntamente com as transformações a serem efetuadas na escola.

O docente também necessita adotar uma postura mais flexível e trabalhar em parceria com os alunos, sendo mais que um mero transmissor de informações e/ou conhecimentos, mas um mediador da aprendizagem. Tornando-se assim também uma tecnologia cultural, favorecendo a quebra de paradigmas e contribuindo para que os alunos sejam mais ativos em relação não somente a aprendizagem da escola, mas também à realidade e ao contexto em que estão inseridos.



Segundo Libâneo (2011, p. 31) uma nova atitude docente pressupõe:

A ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos de modo que tragam para a aula sua realidade vivida.

A redimensão da atitude docente é um dos elementos principais para que o uso da tecnologia no ambiente escolar ocorra de forma satisfatória, sendo assim, é importante também que o docente adote uma postura de colaborador, estando sempre próximo de seus alunos e disposto a ajudar, colaborar e partilhar, sendo não somente aquele que ensina, mas também aquele que aprende constantemente.

O uso do *facebook*, especificamente, sendo colaborador ao processo de ensino e aprendizagem, corresponde ainda a um caminho de aproximação e interação entre alunos e professores.

Para Moran (2012, p. 81):

Um professor que se mostra competente, humano, afetivo, compreensivo atrai os alunos. Não é a tecnologia que resolve esse distanciamento, mas ela pode ser um caminho para a aproximação mais rápida: valorizar a rapidez, a facilidade com que crianças e jovens se expressam tecnologicamente, ajuda a motivá-los, a querer se envolver mais.

Ou seja, o uso das novas tecnologias da informação e comunicação, e do *facebook*, por exemplo, não significa a substituição do papel do professor. Inserir novos recursos e novas abordagens no ambiente da escola não pressupõe que a responsabilidade e importância do professor sejam deixadas de lado, até porque, o uso da tecnologia exige um maior planejamento, e uma maior preocupação com o enfoque daquilo que é ou não importante para o processo educativo.

Diante disso, Masseto (2013, p. 142) destaca que:



O professor assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, o mais das vezes ele vai atuar como orientador das atividades do aluno, consultor, facilitador, planejador e dinamizador de situações da aprendizagem, trabalhando em equipe com o aluno e buscando os mesmos objetivos. Em resumo: ele vai desenvolver o papel de mediador pedagógico.

O processo educativo e o trabalho do professor deixam de ser algo linear e estático, seguindo rigorosamente o currículo e os conteúdos, mas adentram novas possibilidades, possibilitando a negociação de significados, a parceria entre professores e alunos, como também entre alunos e alunos.

O professor é peça chave para que a escola consiga acompanhar o avanço da sociedade, e dos alunos, sendo capaz de reavaliar a dinâmica do processo educativo e de agir pró-ativamente na execução de propostas que tornem o ambiente escolar e o processo de ensino aprendizagem mais agradável e proveitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais e tecnológicas ocorridas na sociedade emergem a necessidade de novas maneiras de se efetivar o processo de ensino aprendizagem, auxiliando o trabalho do professor, tão como favorecendo uma aprendizagem mais real e ativa para os alunos.

As propostas discutidas neste estudo finalizam que o uso das redes sociais, especificamente do *facebook*, através dos dispositivos móveis, pode contribuir para a efetivação de um processo de ensino aprendizagem colaborativa, instigando um trabalho que trate alunos e professores como parceiros, na partilha de informações e consequente construção de conhecimentos.

Concluimos que tal proposta viabiliza a construção de novas possibilidades em sala de



aula, inclusive mudando a perspectiva do professor como único detentor do saber, e dos alunos como aqueles que nada sabem. O uso das tecnologias, a postagem de materiais diversos, os comentários que ocorrem nos grupos, assim como os outros recursos presentes no *facebook* permitem que a construção de conhecimentos se dê de forma real, partilhada e autônoma, favorecendo ainda o respeito pelas opiniões alheias, e o trabalho numa perspectiva de cooperação, de construção mútua.

Mesmo que o uso do *facebook* ainda seja visto como algo negativo, quando atrelado aos ambientes escolares, é mister que as escolas e os professores atuem de maneira inovadora e permitam-se à tentativa de novos caminhos que redimensionem à abordagem de conteúdos, que por vezes é bastante criticada, quando enfocada de maneira tradicional. Lembrando ainda que esta proposta deve respeitar a realidade das diversas escolas e salas de aula, tornando o planejamento e a sistematização do trabalho elementos fundamentais para a concretização das metas.

REFERÊNCIAS

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, Marcos T. **Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Maria Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MENEZES, Célia Maria Cardoso de Abreu Vasconcelos Quintilha de. **Utilização de dispositivos móveis na escola do séc. XXI**: O impacto do podcast no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa no 7º ano do 3º ciclo do Ensino Básico. Portugal:



Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2009.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SIMON, Roger J. **A pedagogia como uma tecnologia cultural**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.